



FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). Tá pronto, seu lobo? Didática/Prática na Pré-Escola. São Paulo: EDUC, 1988. 72 p.

Conversas e reflexões sobre a pré-escola

Ivani Catarina Arantes Fazenda, em *Tá Pronto, Seu Lobo? Didática/Prática na Pré-Escola*, editado pela EDUC, em 1988(1987), organiza textos de seus alunos do 3º ano de Pedagogia, professores de pré-escola da rede pública e particular de ensino, em escolas formais ou creches, seus autores e parceiros nesta produção. Autores que mostram o lado sonhador, otimista, cético, prático, enigmático, poético, radical, teórico, pueril e acadêmico nas entrelinhas de seus textos, textos que não trazem respostas fechadas, mas perguntas a alguns problemas pertinentes à sala de aula. Num primeiro momento, Fazenda aborda questões referentes à pré-escola no estudo da teoria e da prática, da formação do professor, do currículo, da forma de acesso e função da pré-escola.

A teoria adota posturas contrárias e favoráveis acerca da inserção da criança na pré-escola e através da observação da prática efetiva em pré-escolas na cidade de São Paulo, percebe-se que há uma minoria preocupada em desenvolver um trabalho pedagógico, que defina objetivos próprios e que leve em conta os conhecimentos que a criança possui para a aquisição de novos e uma maioria adepta da pedagogia tradicional cujo objetivo é a preparação para o 1º grau (hoje Ensino Fundamental), utilizando um modelo curricular considerado como “adestramento mecânico”. A pesquisa da prática mostrou-se reveladora de uma formação ineficiente, falha e fragmentada nos cursos do magistério, requisito básico para um professor de pré-escola na época e da teoria alienada à prática nos cursos de Pedagogia. Vê-se também a atuação de profissionais com as mais variadas formações atuando em pré-escolas e em escolas sem o devido registro.

Fazenda coloca que a função da pré-escola é de caminhar com a criança, respeitar suas limitações e explorar seu potencial, para isso é essencial um conhecimento teórico e metodológico diversificado, uma compreensão teórica profunda dos prejuízos irreversíveis que uma má educação nesta idade produz. Pode-se notar que entre os textos há uma preocupação latente pelos autores sobre o que é e o que se espera da pré-escola. Para os pais, um lugar de confiança para deixar os filhos, desde que bem alimentados enquanto trabalham, outros desacreditam que a pré-escola influencie na formação das crianças, ou acreditam na preparação para alfabetização, sem possuir a consciência de que esta é desenvolvida por uma formação tradicional, por exercícios repetitivos e mimeografados. Verificada também a postura do professor de pré-escola, para alguns é considerada como uma ocupação do tempo, para outros apenas o ofício de cuidar das crianças garantindo silêncio e ordem. Outros se consideram professores instrutores, donos do saber desenvolvendo tarefas que são realizadas pelos alunos da mesma forma, num mesmo tempo com a finalidade de chegar a um objetivo comum, a prontidão: o treino de algumas habilidades como necessárias para a alfabetização. Em geral, os professores não vêem em seu trabalho satisfação e prazer. Falta-lhes expressão, criatividade, compromisso para explorar o potencial criador de cada criança decorrente das brincadeiras, dos desenhos

livres, exercitando a capacidade da criança de pensar, falar, ouvir e solucionar problemas individuais e coletivos que possibilitem interação com o outro e com o mundo. Entretanto vislumbra-se saídas, práticas bem sucedidas desenvolvidas pelos professores/pesquisadores/autores e que revelam a verdadeira função da pré-escola, na valorização do conhecimento que o aluno traz consigo, sua história de vida, o contexto e a época em que vive, seu passado e sua perspectiva de futuro; na valorização do universo criativo da criança cheio de cores, formas, histórias, fantasias, jogos que inventam, estimulando as brincadeiras, o respeito ao tempo de cada um e à sua maturidade; no desenvolvimento da arte através da música, das histórias e dos desenhos como possibilidade de imaginação para conhecer o mundo da criança e não apenas aquilo que se mostra espremido no papel, reproduzindo um modelo dado, já pronto. Dessa maneira, há a necessidade do professor trabalhar o autoconhecimento, a coerência e a honestidade para uma prática mais segura e confiante com a criança, adquirir o respeito mútuo; trabalhar a expressão artística no sentido de aproveitar e explorar manifestações do pensamento e do sentimento do aluno; trabalhar a expressão corporal para conhecimento sobre a importância e o benefício de explorar o próprio corpo; revelar as emoções, a sensibilidade e a criatividade além da linguagem verbal e escrita; dar liberdade ao aluno de criar e de participar na elaboração das atividades, oportunidades que são privadas pela cultura do mimeógrafo. Nesta parceria pode-se perceber que questões levantadas pelos professores/pesquisadores/autores relacionadas à avaliação, à fragmentação do conteúdo e a sua desvinculação ao cotidiano do aluno, à formação do professor, à teoria alienada da prática, dentre outras, ainda permeiam o contexto escolar atualmente, desde a pré-escola até a universidade, bem como a cultura do mimeógrafo muitas vezes hoje substituída pela do livro didático ou pela do xerox.

Resenha produzida por Arlete Zanetti Soares,